



## REGRESSO A TEMPOS E LUGARES DE CABINDA

ANTÓNIO INÁCIO CORREIA NOGUEIRA

## **ficha técnica**

**Autor** António Inácio Correia Nogueira

**Blog** <http://mitoseritos.blogs.sapo.pt>

**Título** Cavaleiros do Maiombe: Regresso a Tempos e Lugares de Cabinda

**Paginação e grafismo** António Inácio Correia Nogueira

**Apresentação** PDF e WORD

**Crédito fotográfico** António Liberdade

(A capa foi construída a partir de fotografia WebCarta.net)

(A contracapa foi construída a partir de ImageChef )

António Inácio Correia Nogueira  
2009

Este documento passa a constituir-se como Apêndice  
Do livro  
Cavaleiros do Maiombe

- **Agradecimentos a António liberdade (nome suposto)**

## Introdução

No dia 10 de Setembro de 2009 recebi um mail assinado por António Liberdade, pessoa que não conhecia, pretendendo saber como poderia obter o meu livro Cavaleiros do Maiombe. Respondi-lhe presto, como costume habitualmente fazer, informando-o de que o livro estava esgotado mas adquirível em formato PDF, através do meu blog, no endereço <http://mitoseritos.blogs.sapo.pt>

No dia seguinte, António Liberdade comunicava-me já ter lido o livro, e que arrebatado pelo texto iria no próximo fim-de-semana visitar o Maiombe, e alcançar Miconje. Fiquei desta forma a saber que o António vivia em Cabinda.

No dia 14 de Setembro de 2009, pelas 13 horas, o António Liberdade enviou-me a seguinte mensagem:

Cheguei até ao último posto militar na fronteira, no cimo do morro descampado onde terminou o asfalto, olhando para a aldeia de Panguí (Congo) no vale do outro lado da fronteira. Encontrei as estruturas deixadas pelos portugueses ainda conservadas e dando bom testemunho dos "Cavaleiros do Maiombe" exactamente onde terminou (começou?) Cabinda. O meu encanto foi reconhecer o brasão dos Cavaleiros que vi no seu livro. Mando fotos.

Acrescento fotos de outros símbolos deixados no local por outros grupos que se calhar quererão matar saudades de ver seus nomes (e de companheiros) lá cravados. Temos que dar graças a Deus como tais sinais da história conseguiram sobreviver a tanta barbárie (e abandono) que vos sucedeu. Acho que reconheço a caserna através duma foto da sua web, apesar de se calhar as cores terem mudado (...).

Encontrei/enheci o único português vivendo no Maiombe / Belize (desde que para cá veio fazer tropa) o Sr Gabriel Idefonso Ramos Fernandes, originário de Lisboa. Pertenceu à Companhia 2657/Bat Cac 2904, serviu durante 1969 -72. Pode ajudá-lo a estabelecer contactos com algum colega/amigo de armas ainda em vida? Nunca deixou o Belize, onde vive com sua companheira africana originária do Miconje, e não sabia da possibilidade de se comunicar com outros (pela internet). Hei-de enviar algumas fotos do "ti Gabi" como é carinhosamente chamado agora. Com mais vagar, hei-de enviar fotos que espero o levem de volta para o Miconje.

**Respondi a este indivíduo, que num repente se tornou amigo, de uma forma emocionada e agradecida:**

Caro amigo

Estou sem palavras. Muito, muito e muito obrigado. Consegui ver tudo muito bem e graças a si voltei a (re)visitar tempos de muito sofrimento. Quando der a conhecer algumas destas imagens a antigos companheiros eles vão exultar. Também vou tentar pôr em contacto o nosso amigo do Belize com antigos companheiros.

Até muito breve. Um grande abraço e a imensa gratidão do amigo sempre ao seu dispor. Inácio Nogueira

Este homem natural de Cabinda, que nunca quis abandonar, percorreu os lugares onde esteve sediado o B.CAV 3871 e as suas companhias.

Corajoso, fez o percurso de Cabinda para o Miconje, apesar de ainda hoje não haver muita gente a aventurar-se para além do Caio- Guembo.

Ainda que seja proibido fotografar o interior dos quartéis, ocupados pelas Forças Armadas Angolanas, o nosso amigo retratou bem de perto o do Belize e os de Sanga –Planície . Aqui visitou o «velho-quartel», penosamente ocupado pelos Cavaleiros, e hoje sede de serviços administrativos e sociais Angolanos. Conseguiu percorrer o de Miconge, fotografando o seu interior e as vistas para o Congo. No final desta epopeia construiu um *powerpoint* musicado com cerca de 100 fotografias que teve a amabilidade de me oferecer com a seguinte dedicatória: “Ao Cavaleiro do Maiombe, António Inácio Nogueira, os meus agradecimentos por guardar Cabinda nas suas memórias”. E mais tarde dir-me-ia: “Devo agradecer-lhe imenso, porque seu livro despertou muito interesse em mim e motivou-me a visitar o Maiombe, servindo quase que de roteiro. Usei as minhas férias para conhecer melhor Cabinda e sobretudo o Maiombe. Depois de ler o seu livro penetrei em sítios nunca antes por mim sonhados.

E António Liberdade acrescenta ainda:

Apesar de nem todos terem sobrevivido à guerra, a guerra terminou para os Cavaleiros do Maiombe. Partiram e levaram a liberdade. Porque pela liberdade continua a guerra do Maiombe. (...) Cabinda ainda precisa dos Cavaleiros do Maiombe, Cavaleiros do Maiombe mais justos e mais humanos, solidários com o homem oprimido de Cabinda. Que tragam de volta a liberdade para o povo de Cabinda, uma liberdade que traga a paz do povo. Uma paz que liberta, uma paz que dignifica, uma paz baseada na justiça (...)

Sabendo o interesse dos ex-combatentes do meu Batalhão em regressar a tempos e lugares de Cabinda, e que possivelmente também o haveria por parte de companheiros que me antecederam ou precederam, resolvi acrescentar às fotografias que me foram oferecidas pelo António Liberdade aquilo que eu aprendi nesses vales onde se fundiam os poentes. É que nenhuma pessoa é só uma vida. Nenhum lugar é apenas um lugar.

Estes sítios que vou levar-vos a (re) visitar, já são para todos moradias de espíritos, revelações de outros seres. Eu vou despertar-vos antigos fantasmas. Convocar o que resiste e fazer do antigo novo. Vou dar vida ao passado . Por isso, agora mesmo, saltei para cima do jeep do António Liberdade. Aí vou eu, em consumado devaneio, de Cabinda para as profundezas do Maiombe.

## **Da cidade de Cabinda à vila do Belize**

Suponho-me regressado a Cabinda no dia 13 de Setembro de 2009. Em fantasia volto a pisar alguns dos seus 7283 km<sup>2</sup>, onde predomina uma floresta densa e húmida e um subsolo, pronto a esventrar, prene de ouro, manganês, urânio, quartzo e fosfatos. Em seu redor espria-se um mar dadivoso, onde se explora o petróleo desde 1963 numa plataforma continental, pouco profunda, ao largo do Malembo e onde desagüam rios como o Chiloango, navegável numa extensão de 200km. O ar muitas vezes cheira a essências, a café, a cacau, a muamba de jinguta ou de feijão macoba. Ao longe escutam-se os acordes inconfundíveis do merengue.

Quando a conheci, há 36 anos, doía-me Cabinda como estava, a pobreza das casas, a miséria derramada pelas ruas e a guerra! À primeira vista tudo parecia definhar no entanto, mais além, à mão de um olhar, a vida verberava, fragrante como um maracujá: crianças brincavam, mulheres dançavam e cantavam, homens falavam alto o seu fiote. Todos eram donos do tempo!

O meu companheiro de viagem acordou-me antes de ser manhã e sugeriu-me que fizéssemos um passeio entre a cidade de Cabinda e o Miconje. Na primeira etapa, diz-me, chegaremos ao Belize.

Esfrego os olhos e reconheço aquela espécie de poeira que se infiltra para além dos cortinados. Renasce em mim essa estranha sensação que me acontecia quando estava no Alto Maiombe: o ar era uma pele, feita de poros por onde escoava a luz, gota por gota, como um suor sofrido.

Partimos, mas antes de nos largar-nos ao caminho, que outrora várias vezes percorri, o meu interlocutor levou-me à Igreja da Missão Católica de Cabinda e ao seu cemitério, onde foram sepultados os primeiros militares mortos na Guerra Colonial. Dizem-nos que teriam sido em 4 de Fevereiro de 1961, resultado de uma primeira acção da guerrilha liderada por José Mendes na comuna do Miconje. No entanto, as mais antigas sepulturas que encontrámos remontam a Setembro de 1963.

O meu companheiro de viagem, quis que eu fizesse revisitações longínquas e exorcizasse o passado.

O cemitério está deserto. Olho em volta e não se vê ninguém. Grito por eles e nenhuma voz vem do fundo da terra. Tudo já é distante, e um cacimbo denso separou-nos definitivamente.



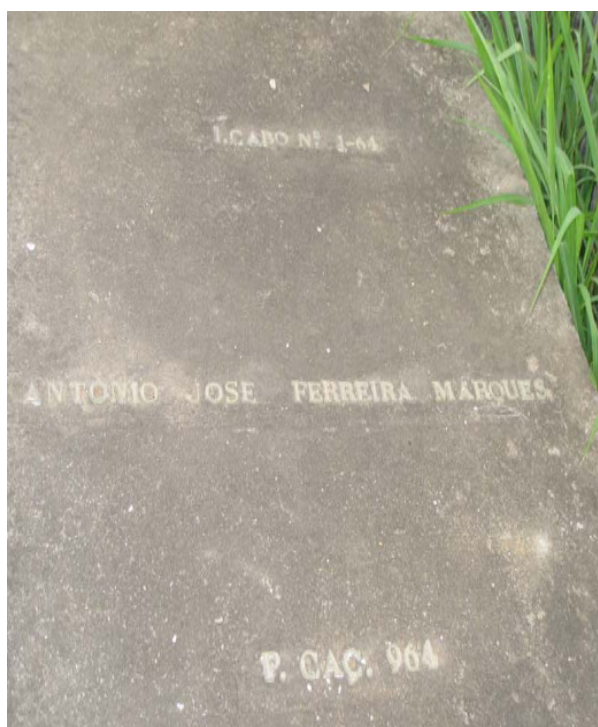
**Fig.1- Igreja da Missão Católica de Cabinda** ( foto António Liberdade, 13 Setembro 2009)



**Fig.2- Cemitério da Missão Católica** (foto António Liberdade, 13 Setembro 2009)



**Fig.3-Campas de militares: algumas já transladadas** ( foto António Liberdade, 13 Setembro 2009)



**Fig.4-Campa de António J. Ferreira Marques** ( foto António Liberdade, 13 Setembro 2009)

Abandonámos o local e, sentados no forçado jeep, lá vamos a caminho do Belize por uma estrada quantas vezes por mim percorrida, mas que hoje me parece estranha. Deslizamos a boa velocidade em pleno Cacong e depressa avistamos a vila de Lândana, onde resalta a torre da Igreja da Missão Católica. Nesta capital do Cacong reconheço as suas ruas principais, a bela enseada e os fundeadouros, pois aqui permaneci durante dois meses com a minha Companhia a aguardar embarque para as proximidades do Caxito, de onde, definitivamente e com bastante atraso, embarcaria para a Metrópole. Tudo me parece parado no tempo e no espaço

Proseguimos viagem e a paisagem, agora, apresenta-se verdejante e exótica pois estamos rodeados de mangais bem junto ao rio Chiloango. Uns quilómetros andados e eis-nos no Dingé, que se apresenta bem alindada. Mais à frente, a estrada está em obras e caminhamos vagarosamente. Olhei para o conta - quilómetros e ao perfazermos 120 quilómetros caminhados, reconheci a entrada na vila de Buco-Zau. Contemplei o frondejante rio Luáli, que uma vez atravessei num patrulhamento, no seu início de curso, junto à fronteira com a Republica Popular do Congo. A fazenda Alzira da Fonseca já está ali à vista e o hospital também. A Igreja católica desponta no fim da recta. O desporto nota-se em desenvolvimento na vila, pois vislumbramos um novo campo de futebol. Dizem-nos haver também uma fábrica de óleo de palma e uma estação de desenvolvimento agrário.

Muitas das casas não melhoraram de aspecto e as pessoas também não. Nós sabemos que para estas gentes o importante não é a casa onde moram. Mas onde, neles a casa mora. As mulheres continuam carregadas e sofridas, e este já é um tempo sem guerra, sem morte. A terra parece aberta a futuros, como uma folha branca em mãos de criança. No entanto eles tardam.

Mergulhados nestes pensamentos não demos conta de o tempo passar. Já avistamos a aldeia de Quissamano, logo depois as três Micumas (I, II, III). Percorridos poucos quilómetros alcançamos Mgandacango, e daqui para a frente tudo me é mais familiar e próximo, pois a área de acção e de intervenção da minha Companhia tinha os limites por aqui, enquanto me mantive aquartelado no Belize.

O jeep galga quilómetros, e eu tenho a percepção de perder o chão. É uma sensação dolorosa o reencontro com coisas que já me foram íntimas, e elas aí estão bem à minha frente. As curvas e contracurvas fechadas da estrada anunciam a chegada da Serra Ndoco e da sua floresta. As árvores já se estrangulam, num abraço de raízes profundas, a dizer-nos que o Maiombe profundo está próximo. O cacimbo aperta. O ar parece espesso, quase liquido. Ameaça chover mas o chovisco arrepende-se. No meio deste afago aparece a aldeia de Mongo Conde. Já sob chuva identifico as proximidades do Belize e lobreigo ao longe uma pretensa feira. As roupas molhadas já me pesam mas uma estranha força me conduz vila dentro, fosse eu pela mão de um destino.

Observo em todas as terras a nova e legítima bandeira, mastroada, altiaprurada. Mas de novo me chegam os sinais de atraso, como se cada destroço fosse uma ferida junto de mim. Custa-me ver 36 anos falecerem assim. Era bom que tivessem levado o passado para longe das vistas, como um defunto. E deixassem-no lá, esfarelado em poeira.



**Fig.5 - Vila de Lândana: torre da Igreja da Missão Católica**  
(foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Fig.6 - Vila de Lândana: Rua principal. No primeiro cruzamento à direita, logo acima, esteve estacionada a C.CAV3487**(foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Fig.7 - Mangais de Lândana junto à foz do rio Chiloango**  
(foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Fig.8 - Dinge alinhado com estrada nova** (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Fig.9–Alzira da Fonseca** (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Fig.10–Alzira da Fonseca, hospital** (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



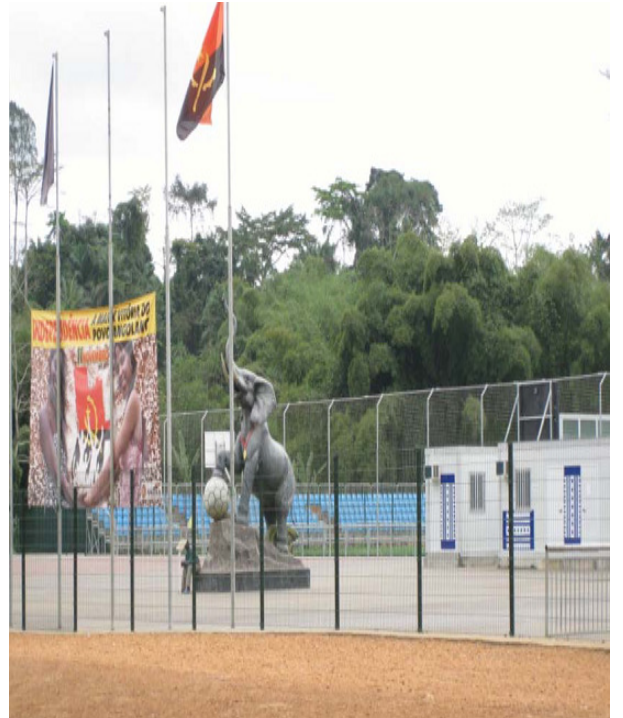
**Fig.11– Mulher caminhando à entrada da vila de Buco-Zau** (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Figs.12 e 13 – Aspectos da vila de Buco-Zau** (fotos António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



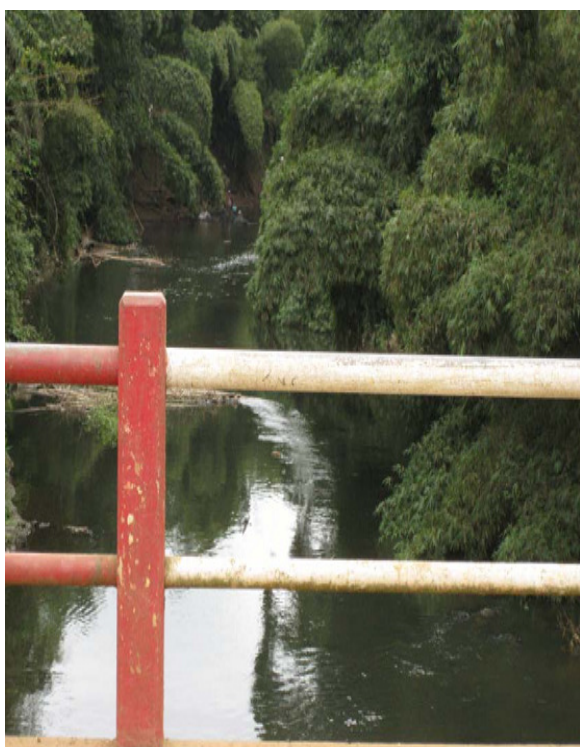
**Fig.14– Igreja Católica de Buco-Zau** (foto António Liberdade,13 de Setembro 2009)



**Fig.15– Campo de futebol em Mbucu - Mabele** (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Fig.16– Rio Luáli** (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Fig.17– Ponte sobre o Rio Luáli** (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Fig.18– Mulher a caminho de Quissamano** (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Fig.19– Aldeia de Quissamano** (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Fig.20– Aldeia de Micuma I** (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Fig.21- No final da recta desponta Micuma II** (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Fig.22– Após a curva está Micuma III** (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Figs. 23 e 24 – Povoação de Ngandacango e primeiras curvas na serra NDoco (fotos António Liberdade, 13 de Setembro 2009)**



**Figs. 25 e 26 – Curvas e floresta na serra NDoco (fotos António Liberdade, 13 de Setembro 2009)**



**Fig. 27-** Floresta da serra NDoco (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Fig. 28-** Povoação de Mongo Conde (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Figs. 29 e 30– Proximidades da Vila do Belize** (fotos António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Figs. 31 e 32– Mercado da vila do Belize** (fotos António Liberdade, 13 de Setembro 2009)

## **(Re)descobrimos a vila do Belize e a aldeia do o Luáli**

Depois de 220 Km percorridos, atravessada a serra Ndoco, e já com um cheirinho a Maiombe intenso, aqui estamos chegados à vila do Belize. Esta terra foi há 36 anos sede do meu Batalhão (B.CAV 3871), a quem a companhia (C.CAV. 3487), que comandeí, e aqui estacionada, prestou apoio operacional directo durante um ano.

À entrada do Belize apareceu-nos, subitamente, o mercado onde vimos transaccionarem-se artigos de primeira necessidade para a população, coisa que não existia no meu tempo.

As rua principal e os principais cruzamentos revelam-se-me ainda familiares e alguns edifícios também, inclusive os das administrações.

Logo no início da rua principal, e virando à esquerda, vamos ao encontro da comuna do Luáli, que faz fronteira com a República Democrática do Congo, e fica perto de Dolisie, outrora povoação congolosa onde o MPLA radicava apoios significativos.

A ligação do Belise ao Luáli fazia-se, no meu tempo, por uma picada estreita e em péssimas condições, hoje recuperada, rodeada de frondosa floresta e onde militares que me antecederam tiveram várias emboscadas e mortes. A meio do caminho existia até um pequeno monumento, na célebre curva da morte, em homenagem aos combatentes portugueses que aí haviam perecido. Foi nessa picada, que muitas vezes esquadrinhei, para dar apoio a dois grupos de TE's, que estavam debaixo do meu comando e faziam a defesa da zona, que tive oportunidade de avistar dois gorilas.

A terra na altura era pobre e isolada, e hoje embora continuando a ter carências, possui um ar mais aprazível. O quartel dos TE's foi aproveitado, e é sede de serviços administrativos e sociais.

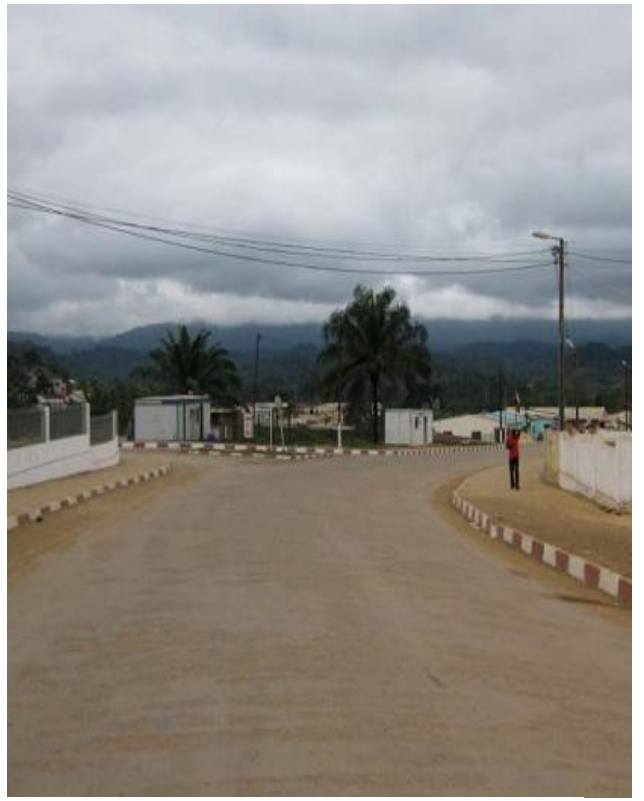
Regressamos do Luáli, entroncamos novamente na rua principal do Belize, hoje mais urbana, e vamos percorrê-la até ao fundo. Aí viramos à esquerda, seguimos a picada, passamos pelas instalações e Igreja da Missão do Belize, e estamos perto do meu antigo quartel, hoje ocupado pelas FAA. Não sendo possível fotografá-lo de perto, apesar de ainda termos lobrigado a porta- de- armas, retrocedemos. Mais além, buscamos outro sitio mais sobranceiro. Aí foi possível vê-lo e fotografá-lo. Está quase irreconhecível!

Também foi realizável avistar a pista aérea que o meu Batalhão ajudou a construir, e onde nos tempos mais complicados de Sanga e Miconje aterrava o apoio aéreo.

Por último, e já quase de abalada, viemos a conhecer o único português residente no Belize, que também foi antigo combatente. Pertenceu ao B.CAC 2904 e à C.CAC 2657 que estacionou no Caio- Guembo. Por aqui ficou, casou com uma cabinda e já tem netos.

A vila do Belize é hoje constituída pelas comunas de Luáli, Miconge e Belize. É o concelho mais ao norte de Cabinda, rodeado pelas duas repúblicas do Congo. Possui 290.000 hectares de floresta tropical, o Maiombe, onde predomina flora preciosa, como por exemplo, pau-preto, ébano, sândalo e pau ferro, e uma fauna fulgente onde se destacam os gorilas, elefantes e aves raras. Para além da madeira, o concelho apresenta outros recursos como a agricultura, a pesca, ouro, mármore e fosfatos, tudo distribuído por 1600Km<sup>2</sup>. Aqui habitam 18.000 habitantes que até aos dias de hoje têm vindo a conhecer e a sofrer a face e os mitos da guerra. Apesar da paz actual, custa a muitos passar para além do Caio-Guembo, dadas as memórias e as amarguras acumuladas.

Era tempo de acabar esta visita e abalar. Alvitrei ao meu companheiro que fizéssemos o regresso à cidade de Cabinda. Não pretendia demorar mais o sofrimento das memórias. Detesto cozinhá-las em fogo lento; abomino que elas se espalhem, dilutas, no infinito do tempo



**Figs. 33 e 34– Aspectos da vila do Belize** (fotos António Liberdade ,13 de Setembro 2009)



**Figs. 35 e 36– Ruas da vila do Belize. A primeira à esquerda segue para o Luáli** (fotos António Liberdade ,13 de Setembro 2009)



**Fig. 37– Aspectos da vila do Belize** (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Fig. 38– Igreja da Missão Católica do Belize** (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Fig. 39.– Igreja da Missão Católica do Belize** (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Fig. 40– Residência dos missionários** (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Fig. 41– Sino da Igreja da Missão Católica do Belize** (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Fig. 42– A Água da Rocha e os meninos do Belize** (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Fig. 43– A pista para apoio aéreo que o meu Batalhão ajudou a construir** (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



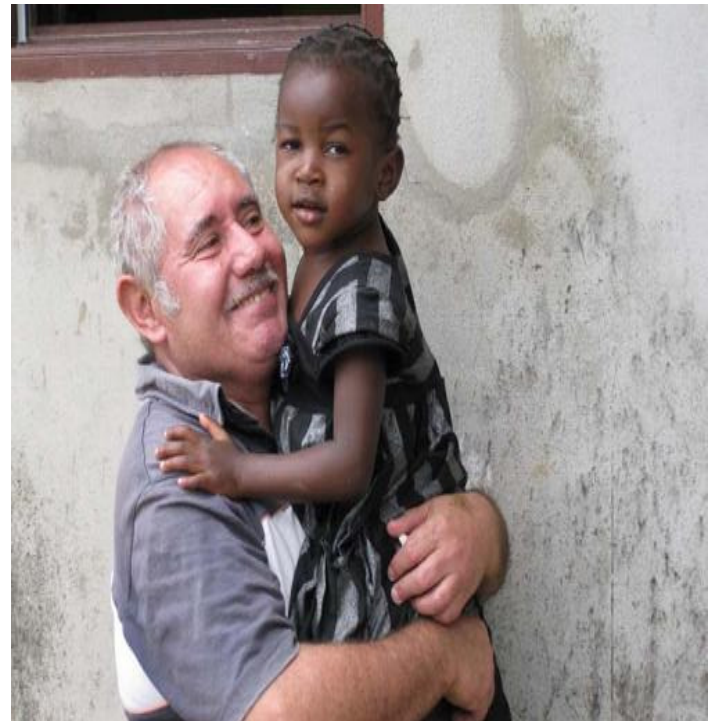
**Fig. 44– Ao longe, o quartel onde o meu Batalhão esteve sediado. Aqui permaneceu também a minha Companhia durante um ano** (foto António Liberdade, 23 de Outubro 2009)



**Fig. 45– O meu quartel já bastante descaracterizado** (foto António Liberdade ,23 de Outubro 2009)



**Fig. 46– O que resta de um dos edifícios do quartel**  
(foto António Liberdade, 23 de Outubro 2009)



**Fig 47– Gabriel Fernandes com a neta; o único português do Belize** (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Figs. 48, 49, 50–** **Imagens do Luáli. Pode-se encher ao fundo, ainda que remodelado, a antigo quartel dos TE's (fotos António Liberdade, 13 de Setembro 2009)**

## Do Belize ao Sanga : a caminho do santuário de guerra do Maiombe

Não sei se me apetece continuar o passeio até Sanga e Miconge. Estive estas horas no Belize arrumado na periferia do tempo. Compreendi no regresso a esta terra que o bom do caminho é haver volta para a ida, sem vinda basta o tempo. Também entendi que as palavras já se isolam dos objectos que designam, o derradeiro estádio antes do apagamento. É este presumível apagamento que me impele a voltar para trás, coisa que o meu companheiro de viagem não quer que aconteça, por isso me arroja a regressar ao santuário de guerra do Maiombe.

Resignado ao seu chamamento e persuasão resolvi acompanhá-lo. Iniciámos o percurso, que antigamente era de alta perigosidade, atravessando o rio Lufo e a aldeia da Rainha. Alguns quilómetros à frente estamos embrenhados nas curvas e contracurvas do Muábi, que nos tempos da guerra nos metiam respeito, sendo ultrapassadas com cuidados redobrados. Em seu redor a floresta, carpidora de orvalhos, nascia frondosa à beira da estrada.

O meu amigo estava alvoroçado com o cenário que lhe era oferecido, um misto de fascinante e funéreo, onde previsivelmente nada e ninguém poderia viver. De repente, lá bem ao fundo de uma recta, a natureza apaziguou-se com o homem e deu-se o aparecimento da aldeia do Quissoqui, e um pouco mais além, da de Caio-Guembo, onde teimam em viver os restos do velho quartel (onde estive a C.CAC 3488 do meu Batalhão), a velha igreja e os despojos de uma serração.

O caminho de Caio-Guembo para Sanga, que agora estamos a circular, vagarosamente, era um dos nossos tormentos. O perigo de emboscadas era eminente, por via da floresta cerrada e das íngremes encostas do itinerário, onde o inimigo se poderia acoitar sem ser visto para desencadear as suas acções. Muitas vezes este percurso, por precaução, foi efectuado a pé.

Tínhamos pela frente a mítica mata do Maiombe, com o rio Lombe e os morros adjacentes, uns plenos de mata, outros só com capim, a que chamávamos «morros carecas». Aqui se situou um dos santuários dos guerrilheiros do MPLA.

Esta mata húmida, pingando das folhas, com o seu chão qual pântano escorregadio, em que se avançava a corta-mato e a corte de catana foi a nossa quimera. Neste cenário dantesco, as mochilas pesavam, as pernas vergavam, as botas pareciam chumbo com o peso da lama. Quando se chegava ao quartel as feições encovadas demonstravam o cansaço de dias seguidos de esforço e sofrimento

O Lombe era uma referencia para nós e as folhas de xikuanga também.

Contava tudo isto ao meu amigo, e, por esse facto, nem dei pela chegada a Sanga-Planície. Olha lá está a velha placa com as letras JAA, e um pouco à frente, à esquerda, a entrada para o aquartelamento velho, onde a minha Companhia permaneceu mais de um ano, em instalações degradadas e, sujeita a uma enorme intensidade de guerra!



**Fig. 51– Saída do Belize. Ao fundo a ponte sobre o rio Lufo** (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Fig. 52– Início da povoação da Rainha** (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Figs. 53 e 54– Aspectos da povoação da Rainha** (fotos António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Figs. 55 e 56– A serra Muábi e as suas curvas I**(fotos António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Fig. 57– A floresta da serra Muábi** (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Figs. 58 e 59– As curvas, os alcantilados e a floresta da serra Muábi (fotos António Liberdade, 13 de Setembro 2009)**



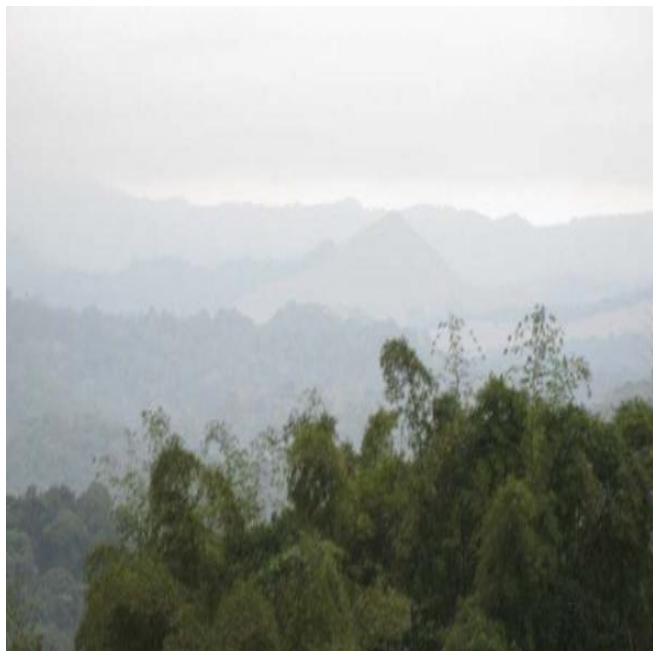
**Figs. 60 e 61– A floresta majestosa e as curvas da serra Muábi (fotos António Liberdade, 13 de Setembro 2009)**



**Fig. 62— A floresta profunda e quase infinita do Maiombe** (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Fig. 63— O Maiombe na sua grandeza** (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Figs. 64 e 65—** A floresta e as curvas em ferradura do Muábi (fotos António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Figs. 66 e 67—** Quissoqui: uma povoação que o Maiombe abrigou (fotos António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Figs. 68 e 69— Caio-Guembo: uma outra povoação que o Deus Maiombe abraçou** (fotos António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Figs. 70 e 71— Em Caio-Guembo remanescentes de serração e Igreja** (fotos António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Figs. 72,73,74,75– A caminho de Sanga: sobressaem os «morros carecas» do Maiombe (fotos António Liberdade, 13 de Setembro 2009)**



**Figs.76 e 77— Floresta perto de Sanga (fotos António Liberdade, 13 de Setembro 2009)**



**Fig. 78— Entrada em Sanga: tudo é quase igual, excepto a bandeira (foto António Liberdade, 13 de Setembro 2009)**

## Sanga-Planície :hoje considerada berço da independência de Angola

Entrei em Sanga e cheirou-me a guerra e a pólvora queimada. É o mesmo cheiro presentido no dia-a-dia dos mais de 365 dias aqui permanecidos com a minha C.CAV 3487. Tudo continua muito militar. De um lado da estrada, o «quartel velho», hoje adaptado a serviços da comuna do Miconge, entre eles um centro de saúde. Aqui vivi com os meus companheiros em condições sub-humanas. De tudo restam alguns edifícios e trofeus da guerra, tais como, carcaças de unimogues e obuses. Do outro lado, lá bem no cimo, o «quartel novo» que ajudámos a construir e é hoje ocupado pelas FAA .

Sanga - Planície pertence à comuna do Miconge, uma circunscrição com 13 aldeias e 3670 habitantes. A aldeia não estará muito diferente da que conheci, mas vai ter energia eléctrica produzida a partir de uma “mini-hídrica” construída no rio Lutchiaba na zona de Tiete, um “local que albergou os guerrilheiros do MPLA, pois está próxima de um pequeno bunker escavado na rocha que serviu de aposento ao primeiro Presidente de Angola, António Agostinho Neto e a outros guerrilheiros do MPLA.” Foi assim que se exprimiu o regedor Paulo Mabiala de 74 anos, em Julho de 2009. E proclamou ainda: “o berço da independência foi aqui, já que o chefe principal aqui viveu, neste sítio histórico.”.

O centro de saúde inaugurado e o centro de lazer para 60 turistas, a 300 metros da central hídrica, a incrementar, aproveitando a grandiosidade da mata e das cascatas, “é o reconhecimento do Governo pela luta aqui travada”, acrescenta Paulo Mabiala.



**Figs.- 79, 80, 81- À esquerda, uma vista do «quartel velho»; Ao centro, e bem lá no cimo, « o quartel novo»; À direita, um aspecto de Sanga (fotos António Liberdade, 13 de Setembro 2009)**



**Figs. 82,83,84— Três aspectos da povoação de Sanga-Planície (fotos António Liberdade, 13 de Setembro 2009)**



**Figs. 85, 86, 87, 88– Panorâmicas do «quartel novo»** (fotos António Liberdade, 13 de Setembro 2009)



**Figs. 89,90– Despojos da guerra no «quartel velho» (fotos António Liberdade, 23 de Outubro 2009)**



**Fig. 91– Uma das nossas instalações no «quartel velho». Do seu lado esquerdo, o esqueleto de uma viatura; em frente, a ossatura de um obus e restos de material auto (foto António Liberdade, 23 de Outubro 2009)**



**Fig. 92—** Algumas das nossas instalações no «quartel-velho» (foto António Liberdade, 23 de Outubro 2009)



**Fig 93.-** Instalações do « quartel-velho» recuperadas para fins administrativos e sociais (foto António Liberdade, 23 de Outubro de 2009)



**Fig.94-Imagens do «quartel-velho» passados 36 anos (foto António Liberdade, 23 de Outubro de 2009)**



**Fig.95-Imagens do «quartel-velho» passados 36 anos (foto António Liberdade, 23 de Outubro de 2009)**



**Fig.96-Os dois únicos emblemas legíveis no «quartel-velho». O da esquerda, pertenceu à C.CAC 1490-Res Non Verbo; o da direita, à C.CART (?)- Os Bárbaros Do Maiombe (foto António Liberdade, 23 de Outubro de 2009)**

## A caminho do Miconge: onde ainda troteam os cavalos do tempo.

Faltava-nos a jornada entre Sanga e Miconge. O meu amigo António Liberdade estava boquiaberto com tudo o que tinha visto e com o que lhe houvera sido contado. Iniciamos a última viagem com o Sol bem a pino, o que outrora seria feito de noite, com as viaturas de luzes apagadas, para evitar as emboscadas, sempre que se vinha do Miconje a Sanga fazer o reabastecimento de água e viveres. À medida que se galgam os quilómetros, serenamente, vou apontando os locais onde fomos fustigados por varias emboscadas, às quais respondemos sempre bem.

É este pedaço de história, um pouco tenebrosa, que converte este percurso, ainda hoje, num mundo de enigmas. Por esse facto, poucos se atrevem a enfrentá-lo, desperdiçando as belezas imperdíveis que nós outros temos o privilégio de contemplar. As cataratas logo ali ao lado da estrada de profunda beleza, as árvores Bengé de encanto impar, o nevoeiro rastejando nas picadas.

O tempo passou depressa e já chegámos ao final da estrada. Viramos á direita, e lá está o antigo fortim do Miconje mirando a aldeia congoleza de Panguí, e a também congoleza Kimongo, antiga base do MPLA . Observamos, sem palavras, os edificios do antigo quartel, e os nossos emblemas conservados pelas FAA, facto que me deixou particularmente sensibilizado. Estes militares não têm medo das sombras do passado e sabem preservar as memórias.

Olhamos, pela última vez, o Maiombe que acaba para cá do Miconge. Para lá, aos nossos olhos, só a savana congoleza.

Sento-me observando o pôr-do-Sol radioso e africano. Escrevo mesmo ali, sobre os sítios de guerra dos meus desprazeres, sobre a pior prisão sem muros que conheci:

“Do Miconje via-se tudo, longe;  
Do Miconje observava-se o nada, perto.  
O tudo e o nada eram as certezas no Miconje;  
P’ra além do Miconje uma mancha de incerto.

Ao Miconje aportavam lembranças,  
Desesperanças,  
O cheiro a pólvora e a morte,  
Os odores de sândalo do Maiombe,  
Os piores dos pássaros do Norte,  
A água murmurando no Lombe,  
Os cantares das cataratas velozes,  
Os choros de almas penadas,  
P’la morte desacorçoadas,  
E nas gotas do cacimbo penduradas,  
P’los deuses da floresta e seus algozes.

Eis um dos sítios do meu descontentamento,  
Onde ainda troteam os cavalos do tempo.”

É hora de regressar a Cabinda cidade. Tomar um banho reconfortador e comer camarão com «jindungo» p’ra voltar à vida



**a embelezam o Maiombe** (fotos António Liberdade, 13 de Setembro de 2009)



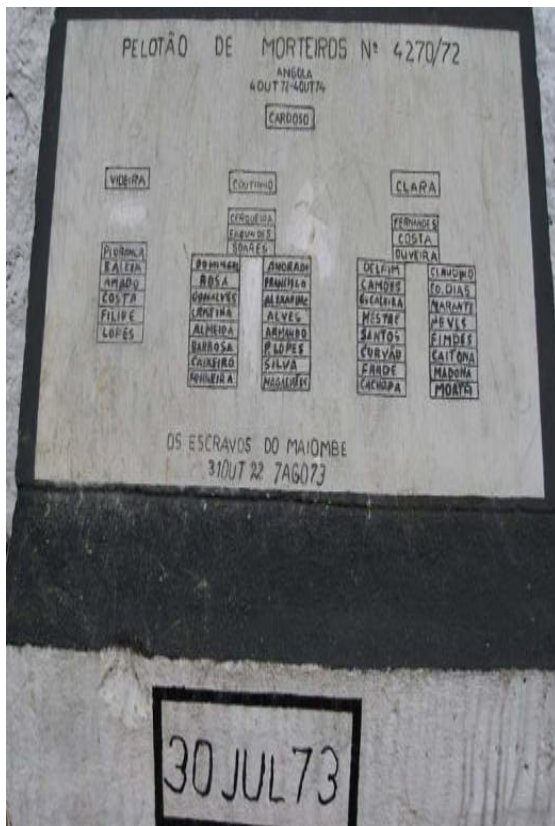
**Fig.99- Aqui foi local de emboscadas** (foto António Liberdade, 13 de Setembro de 2009)



**Fig.100-Junto ao Miconje as placas de sinalização ainda falam da guerra** (foto António Liberdade, 13 de Setembro de 2009)



**Fig.101-Termina a estrada, eis o Miconje!** (foto António Liberdade, 13 de Setembro de 2009)



Figs. 102, 103, 104, 105- Emblemas que as FAA preservaram para que se cultive a memória I (fotos António Liberdade, 13 de Setembro de 2009)



**Figs.106, 107, 108, 109- Emblemas que as FAA preservaram para que se cultive a memória II (fotos António Liberdade, 13 de Setembro de 2009)**

**Fig.110-Homenagem ao Vieira: um dos heróis dos ataques ao Miconje do meu tempo (foto António Liberdade, 13 de Setembro de 2009)**



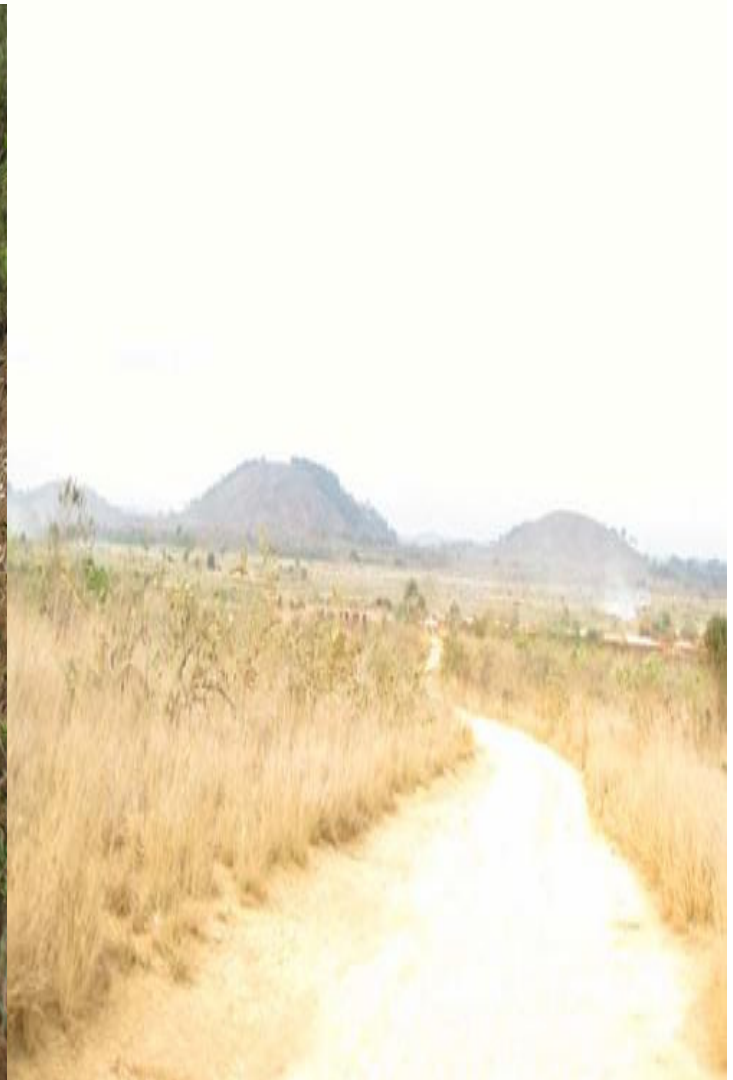
**Figs.111, 112, 113, 114, 115- Instalações do Miconge que ainda permanecem (fotos António Liberdade, 13 de Setembro de 2009)**



**Figs.116, 117 - Mausoléu à memória dos mortos no Miconge: à sombra da bela árvore Benje (fotos António Liberdade, 13 de Setembro de 2009, 29 de Outubro 2009)**



**Fig. 118 - Do Miconje: uma vista soberba sobre a aldeia congolesa de Pangni. Mais além fica Kimongo uma base antiga do MPLA (fotos António Liberdade, 13 de Setembro de 2009)**



**Fig. 119 - O Maiombe de repente acaba para cá do Miconje. Para lá, aos nossos olhos, só a savana congolesa (fotos António Liberdade, 13 de Setembro de 2009 / 23 de Outubro de 2009)**

